OS DÊITICOS E SEU PAPEL SOCIAL NA ENUNCIAÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Gabriela Barboza(UFSM)[1]
Neiva Soares (UFSM)[2]
Vera Lúcia Pires (orientadora- UFSM[3])

RESUMO: Este trabalho objetiva evidenciar a importância da categoria dêixis para a presença da subjetividade na linguagem. Pretende-se também demonstrar que a posição do social está nitidamente sinalizada no enunciado, via intersubjetividade.

PALAVRAS-CHAVE: dêixis, subjetividade, enunciação.

1.Considerações iniciais

O presente trabalho pretende abordar, ainda que de maneira concisa, o papel fundamental dos dêiticos nas teorias enunciativas elaboradas por Émile Benveniste(1966, 1974).

O conceito de língua para a Lingüística tradicional, no início do século XX, era apresentado como uma representação evidente e objetiva da realidade. Porém, autores como Benveniste (1966), reivindicaram para a linguagem, ao estudarem seu funcionamento, o lugar da constituição da subjetividade do indivíduo. Com isso, destacaram a relação entre sujeito e língua, conferindo à presença subjetiva no discurso sua devida importância.

---

[1] Aluna do 4º semestre de letras da UFSM, bolsista FIPE Sênior, com o projeto "As interações entre linguagem e cultura na enunciação da subjetividade".

[2] Aluna do 5º semestre de Letras Espanhol, bolsista PIBIC/CNPQ da UFSM, com o projeto "A enunciação da subjetividade: dêixis e interação".

[3] Professora do Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas da UFSM.

Para melhor compreender a noção de subjetividade dos estudos enunciativos, parece ser de fundamental importância o estudo da noção de dêixis. A categoria possui elementos que remetem à instância da enunciação em que se apresentam. Ademais, a existência dos dêiticos só é possível devido à necessidade inerente ao ser humano de relacionar-se com outros membros de seu meio social. Assim, o indivíduo, ao assumir a língua, constitui-se como sujeito ao dizer "eu" para um "tu" e, desse modo, as outras categorias (tempo e espaço) organizam-se em função do "eu".

2. Dêixis e enunciação

Benveniste, ao afirmar que "qualquer pessoa pode fabricar uma língua, mas ela não existe, no sentido mais literal, desde que não haja dois indivíduos que possam manejá-la como nativos" (1968:20)[4], pretende destacar o caráter social e solidário da língua. Isso se comprova quando postula que "[...] somente a língua torna possível a sociedade. A língua constitui o que mantém juntos os homens, o fundamento de todas as relações. [...] Poder-se-á dizer que é a língua que contém a sociedade" (1969:63).

Por considerar a linguagem como prática social que tem na língua, principalmente no aparelho pronominal, a sua realidade material, Benveniste reformula as dicotomias de Saussure. Porém, não as desfaz, apenas as complica, constrói outras, de maneira a retornar o que foi primeiro excluído da lingüística: o sujeito.

De acordo com Benveniste (1974:80), a enunciação é o ato de um indivíduo utilizar-se da língua para produzir enunciados e, assim, interagir com o outro, em uma dada sociedade. Dito de outro modo, a enunciação é o lugar de instauração do

[4] Em entrevista a Pierre Daix. Ver Problemas de Lingüística Geral II.

sujeito, é o ato de converter a língua em discurso. A linguagem é a possibilidade da subjetividade. O autor vai além, ao sustentar a estrutura do diálogo como constituinte da enunciação, postulando que “o que em geral caracteriza a enunciação é a relação discursiva com o parceiro (Id, ibid: 87)”. A subjetividade em Benveniste pode ser pensada como uma intersubjetividade, na medida em que o sujeito instaura o “tu”, no momento em que enuncia. Ao propor a indissociabilidade de língua e sociedade, ele garante o sujeito como um ser social e seu discurso como uma atividade social e solidária.

Com relação à dêixis, trata-se de um conjunto de signos que indicam/sinalizam os participantes da enunciação, bem como a cena enunciativa. Já os dêiticos são os elementos que indicam a enunciação. São dêiticos os pronomes pessoais, advérbios de tempo (marcadores de tempo), e pronomes demonstrativos (marcadores de espaço). Têm origem no gestual, ou seja, na capacidade humana de dizer indicando.

Tomando como verdadeira essa origem da dêixis e tendo claro que tal ato indicativo é desenvolvido por um sujeito na tentativa de relacionar-se com o mundo em um momento único e irrepetível, pode-se tratar essa noção como uma categoria de linguagem, de enunciação e, por conseqüência, a principal reveladora das subjetividades envolvidas.

3. Dêixis como indicadora de subjetividade

Como dito anteriormente, ao evidenciar a linguagem como prática social, via intersubjetividade, faz-se necessário colocar em discussão a questão dos pronomes, já que, conforme afirmado anteriormente, o aparelho pronominal é a realidade material da língua.

Em alguns de seus textos[5], Benveniste faz um estudo dos pronomes de maneira bastante detalhada. Dessa forma, esta categoria é evidenciada como a primeira a instaurar e representar a subjetividade na linguagem.

O autor (1946) desenvolve a questão da subjetividade e personalidade, refletindo sobre os pronomes, partindo da premissa saussuriana de que eles só podem ser atingidos pelo que os diferencia. A partir dessas oposições pronominais, observa que há uma disparidade entre “eu/tu” e “ele”, pois considera o par “eu/tu” como pessoa (com quem se fala) e “ele” não-pessoa (de quem se fala). A essa relação que faz, denomina *correlação de personalidade.*

Além dessa correlação, estabelece também a de *subjetividade*, e que opõe “eu” a “tu”. O “tu” é externo ao “eu”, é não subjetivo, porém condição para o reconhecimento do “eu”. Ao propor o “tu” como premissa básica para a existência do “eu”, Benveniste demonstra, assim, que a subjetividade só pode ser pensada a partir da intersubjetividade. Dito de outro modo, a intersubjetividade é anterior à subjetividade.

Com relação à natureza dos pronomes, essa classe passa a ser considerada heterogênea, pois “eu” e “tu” são signos vazios, ou seja, não constituem uma classe como as demais, uma vez que não há nada que se possa definir como “eu” e “tu”. Há, sim, uma realidade do discurso, na qual “eu” e “tu” se atualizam a cada vez que o indivíduo se apropria da língua, impondo-se como sujeito e pressupondo um outro(interlocutor).

A dêixis pode ser dividida em três instâncias: pessoa, tempo e espaço. Predomina sobre elas a primeira, pois é o ponto de referência das relações espacio-temporais. De acordo com Pires & Werner (2006), a dêixis contém a categoria de pessoa, o que dá a ela a característica de ser única, particular e pertencente a uma realidade discursiva.

---

[5] Referimo-nos aqui, principalmente a: Estrutura das relações de pessoa no verbo (1946); A natureza dos pronomes(1956); Da subjetividade na linguagem (1958); O aparelho formal da enunciação (1970).

O contexto dêitico é auto-referencial, ou seja, os dêiticos são signos vazios que somente se tornam plenos na enunciação, quando assumidos pelo indivíduo. Referem-se ao sujeito que fala, em um determinado momento e lugar.

Benveniste(1958) afirma que o fundamento da linguagem está no exercício da língua. Defende sua teoria utilizando a dêixis para indicar o par sujeito/subjetividade no ato discursivo. Para ele, é através da enunciação na qual “eu” designa o locutor, que este se impõe como sujeito.

Posto isso, é possível afirmar que, para Benveniste, o que se estava tentando construir era o estatuto da subjetividade na linguagem, lugar em que a dêixis oferecia um conjunto de categorias visando a evidenciar a circunscrição de um “eu” na enunciação.

4. Considerações Finais

Benveniste, ao aprofundar seus estudos da categoria de pessoa, definiu os indicadores de subjetividade e os dividiu em três categorias: pessoa-espaço-tempo. Com isso, funda uma Lingüística que leva em conta o sujeito, diferente do que se vinha estudando até então.

Determina a existência de um “eu” somente a partir da pressuposição de um “tu”. Em outras palavras, para ele, a intersubjetividade é anterior à subjetividade.

Para Lahud (apud Pires & Werner, 2006:147), “a verdade é que um novo palco onde a noção de dêixis desempenha um papel relevante, senão o principal, é constituído pela assim chamada Lingüística da Enunciação”. Em outras palavras, trata-se de uma figura enunciativa, pois, quando a linguagem é utilizada, ocorre com pessoas, tempo e lugar específicos.

A partir de sua teoria, passa-se a pensar na teoria do sujeito e da enunciação. Foi pensando no homem na língua que se vê aparecer, em Benveniste, um indivíduo subjetivado na e pela linguagem, deixando suas marcas, via dêixis, no que nos é mais cotidiano: o diálogo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, Émile.(1966) ***Problemas de Lingüística Geral I.*** 4ª ed. Campinas: Pontes, 1995.

BENVENISTE, Émile.(1974) ***Problemas de Lingüística Geral II.*** 2ª ed. Campinas: Pontes, 2006.

PIRES, Vera Lúcia; WERNER, Kelly C. G. **A dêixis na teoria da enunciaão de Benveniste**. Émile Benveniste: Interfaces, Enunciação & Discursos. Santa Maria, nº33, p145-160, jul/dez 2006.